

Os Desafios do Ensino da Disciplina de Metodologia da Pesquisa na Pós-Graduação

▸ Herivelto Moreira *

▸ Luiz Gonzaga Caleffe **

Resumo

O objetivo deste ensaio é discutir algumas questões relacionadas ao ensino da disciplina de Metodologia da pesquisa nos programas de pós-graduação. As questões resultaram dos inúmeros desafios e preocupações teóricas e práticas relacionadas ao nosso trabalho como pesquisadores, autores e professores da disciplina em diversos programas de pós-graduação. Procuramos enfatizar que a preparação de pesquisadores nos programas de pós-graduação está diretamente associada à visão dos professores e pesquisadores envolvidos no programa sobre o papel da disciplina de metodologia da pesquisa na formação do aluno e nas habilidades e competências de que eles necessitam. As respostas a essas perguntas podem estar na organização e na condução dessa disciplina nos diversos programas de pós-graduação nas faculdades e universidades, pois essas questões estão vinculadas ao contexto social e cultural.

Palavras-chave: Diversidade epistemológica. Pesquisa. Metodologia da pesquisa, Pós-Graduação.

The challenges of teaching research methodology in postgraduate programs

Abstract

The purpose of this essay is to discuss some issues related to the teaching of research methodology in graduate programs. The issues originated from numerous challenges and theoretical and practical concerns related to our work as researchers, authors and teachers of the discipline in many graduate programs. We attempted to emphasize that the preparation of researchers in graduate programs is directly associated with the vision of teachers and researchers involved in the program, of the role of research

* Doutor em Educação, Universidade de Exeter, Grã-Bretanha. Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. *E-mail:* moreira@utfpr.edu.br.

** Doutor em Educação, Universidade da Califórnia em Los Angeles – USA. Professor e Pesquisador da Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* lcaleffe@uol.com.br.

methodology in students' training as well as of what skills and competencies they need. The answers to these questions may lie on the organization and conduct of the discipline in the various graduate programs in colleges and universities since these issues are related to the social and cultural context.

Keywords: Epistemological diversity. Research. Research methodology. Graduate school.

Los Retos de la Enseñanza de Metodología de Investigación em los Programas de Posgrado

Resumen

El propósito de este ensayo es discutir algunas cuestiones relacionadas con la enseñanza de la metodología de la investigación en programas de postgrado. Las preguntas son el resultado de los numerosos desafíos y preocupaciones teóricas y prácticas relacionadas con nuestro trabajo como investigadores, autores y profesores de la disciplina en muchos programas de posgrado. Hemos intentado acentuar que la preparación de investigadores en programas de postgrado está directamente relacionada con la visión de los profesores e investigadores que participan en el programa sobre el papel de la disciplina de la metodología de la investigación y la educación de estudiantes en las habilidades y competencias que necesitan. Las respuestas a estas preguntas pueden aparecer en la organización y desarrollo de esta disciplina en los diferentes programas de postgrado en universidades debido a que estos problemas están relacionados con el contexto social y cultural.

Palabras clave: Diversidad epistemológica. Investigación. Metodología de investigación de postgrado.

Introdução

A diversidade de objetivos, métodos de ensino e formação dos professores -- que influencia as decisões sobre como ensinar a disciplina de metodologia da pesquisa nos cursos de pós-graduação -- torna improvável um consenso sobre o conteúdo e a forma de trabalhar essa disciplina. As muitas tradições filosóficas, escolas de pensamento, metodologias, tipos de pesquisa que influenciam a área

social e, em particular, a educacional são significativamente diferentes umas das outras para assegurar uma abordagem única.

Sem negar essa complexidade, argumenta-se que há habilidades comuns que muitas vezes têm sido desconsideradas na formação de pesquisadores. Em outras palavras, parece que não se dá a devida atenção à complexidade da atividade de pesquisa. Neste sentido, pergunta-se: Qual é o papel da disciplina de metodologia da pesquisa na formação do aluno de pós-graduação e do futuro pesquisador? Quais são as habilidades e competências que esses alunos necessitam? As respostas a essas perguntas podem estar na organização e na condução dessa disciplina nos diversos programas de pós-graduação nas faculdades e universidades.

O objetivo desse ensaio é discutir algumas questões relacionadas ao ensino da disciplina de metodologia da pesquisa nos programas de pós-graduação, que tem origem em inúmeras preocupações teóricas e práticas relacionadas ao nosso trabalho como pesquisadores, autores e professores da disciplina de metodologia da pesquisa em diversos programas de pós-graduação. Entre essas preocupações estão; a) o entendimento pelos alunos do que significa o termo metodologia da pesquisa; b) o que os alunos pensam e que *pré-conceitos* trazem para os programas de pós-graduação; c) o descaso com que muitas vezes a disciplina é tratada; e d) as diferentes nomenclaturas que recebe e as conseqüentes formas de ensino.

Antes de iniciar a disciplina de metodologia da pesquisa, não importa o nível de ensino, fazemos um simples diagnóstico sobre as experiências anteriores dos alunos com a disciplina e percebemos que, com raríssimas exceções, eles afirmam que a disciplina foi extremamente desinteressante onde quer que a tenham cursado. É possível também perceber a visão que os alunos têm da disciplina e a resistência que desenvolveram em relação à ideia de cursá-la novamente, pois o julgamento da importância da mesma está vinculado às suas experiências anteriores.

Partindo dessas constatações e não querendo generalizá-las, pois essas constatações poderão não ser verdadeiras em outros contextos, a proposta é discutir algumas questões relacionadas ao mal-estar inicial que a disciplina provoca nos alunos e mostrar que a atitude científica não é prioridade de algumas poucas pessoas que estão inseridas nos cursos de pós-graduação, mas pode e deve ser exercida por qualquer estudante independente do nível de ensino, desde que a disciplina de metodologia da

pesquisa proporcione ao aluno uma formação adequada para entender a importância e o papel que a pesquisa tem para o desenvolvimento do pensar científico, o entendimento das diversas abordagens de pesquisa e dos diferentes métodos, técnicas e instrumentos de coleta e análise de dados inerentes a cada abordagem.

Os principais desafios para o ensino da disciplina de Metodologia da Pesquisa

Muitos alunos chegam à pós-graduação com alguma experiência prévia em pesquisa (elaboração de TCC e monografias, dissertações, entre outras) e muitos *pré-conceitos*, pois muitas vezes não tiveram a oportunidade de realmente discutir e refletir sobre questões epistemológicas e se envolver em decisões metodologicamente fundamentadas ao examinar diferentes pontos de vista. Mesmo alunos bem preparados não possuem a experiência fundamental à análise crítica de perspectivas conflitantes. Em geral, muitos desses alunos não foram encorajados a pensar criticamente em suas experiências de pesquisa e, embora tenham sido encorajados a participar de atividades de pesquisas fundadas na análise crítica, não internalizaram tal abordagem.

Quase todos os alunos associam a metodologia da pesquisa com o delineamento de um projeto de pesquisa ou com a elaboração de instrumentos de coleta de dados. Na prática, isso está circunscrito muitas vezes à elaboração de questionários ou entrevistas e à coleta de um conjunto limitado de dados para, então, analisá-los mediante a aplicação de algumas ferramentas estatísticas rudimentares. Essa ideia é obviamente ingênua e incorreta. Contudo, é possível que ela seja a expressão da perspectiva do que é pesquisa para a maioria dos alunos.

Essa perspectiva é fortalecida pela confusão estabelecida pelas várias nomenclaturas (Metodologia da Pesquisa, Metodologia Científica, Métodos e Técnicas de Pesquisa, etc.), uma vez que cada nomenclatura traz no seu interior um conjunto de conteúdos, e por sua vez, um conjunto de crenças, visões e também distorções sobre a disciplina por parte de quem a ministra, promovendo uma série de incompatibilidades em relação ao que os vários membros da comunidade acadêmica entendem por pesquisa.

Para apreciar a diferença entre o entendimento comum que as pessoas possuem sobre a pesquisa e a sua definição mais precisa, primeiro define-se o que não é pesquisa para depois apresentar o que se considera uma definição mais útil de pesquisa.

A palavra pesquisa tem sido empregada livremente na fala cotidiana e algumas pessoas não têm a menor idéia do seu real significado. Apresenta-se alguns exemplos sobre o que não é pesquisa: a) a pesquisa não é a mera coleta de dados; b) pesquisa não é o mero transporte de fatos de um lugar para outro; (infelizmente, muitos estudantes pensam que observar alguns fatos e transferi-los para um artigo escrito com o benefício das referências constitui pesquisa; tal atividade, é claro, pode ser mais realisticamente chamada de descoberta do fato, transporte do fato, e/ou transcrição do fato); c) a pesquisa não é apenas revolver informações; e d) a pesquisa não é um lema para chamar a atenção (Leedy e Ormrod, 2005).

A pesquisa formal é completamente diferente de quaisquer das atividades descritas acima. A pesquisa é um processo por meio do qual procuramos sistematicamente obter, com o apoio de dados, a resposta a uma pergunta, a resolução de um problema, ou um maior entendimento sobre um determinado fenômeno.

A metodologia é uma abordagem geral para estudar o tópico de pesquisa. Ela estabelece como o pesquisador irá estudar o fenômeno. Portanto, a metodologia é o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para se fazer ciência. O objetivo da metodologia é o de ajudar a entender, não o produto da investigação, mas sim o processo em si.

Esse processo, que frequentemente é chamado metodologia de pesquisa, tem oito características distintas: a) tem origem com uma pergunta ou problema; b) exige a clara articulação de uma meta; c) exige um plano específico de procedimento; d) normalmente (não obrigatoriamente) divide o problema principal em subproblemas para facilitar o estudo; d) é guiada pelo problema específico de pesquisa, questão ou hipótese; e) aceita pressupostos críticos; f) requer a coleta e a interpretação de dados na tentativa de solucionar o problema que deu início à pesquisa e g) é, por sua natureza, cíclica.

Além disso, o termo inclui uma função adicional para o investigador. Espera-se que mais cedo ou mais tarde o pesquisador tenha uma boa justificativa para o professor/orientador, cliente ou organização das razões das escolhas teórico/metodológicas. Essa justificativa só é possível quando o pesquisador entende as escolhas que fez e sabe como vai sustentá-las.

O pesquisador pode precisar justificar essas razões para diferentes pessoas e explicar por que, e em que bases ou critérios e considerações, lidou com certos fenômenos. Em outras palavras, o pesquisador precisará tornar as escolhas, ações e os

argumentos metodológicos transparentes, compreensíveis, demonstrando as razões do que fez para as pessoas que irão ler o que produzir.

Portanto, a metodologia não significa simplesmente “fazer pesquisa”, mas de fato especificar o modo de ação em uma situação particular com uma meta clara em mente. A metodologia da pesquisa é muito mais do que uma disciplina que passa ao aluno apenas um conjunto de regras para fazer pesquisa; é uma disciplina que auxilia o aluno a refletir criticamente e olhar o mundo com um novo conjunto de lentes: um olhar científico, curioso, indagador e criativo.

No entanto, a compreensão equivocada que se tem da disciplina, assim como a variedade de nomes a ela atribuída, por si só não representariam um problema, se por ventura a essa variedade não estivesse associada ao que se pretende com a disciplina, a importância e a função que ela desempenha em diferentes cursos/programas.

A importância dessa disciplina, de uma maneira geral, não é objeto de discussão, pois praticamente em todos os currículos ela figura como disciplina obrigatória. No entanto, na prática cotidiana, nem sempre é tratada com a devida importância. Isso acontece em virtude de sua complexidade (que na maioria das vezes é desconsiderada), do desinteresse que desperta nos alunos, do descaso com que muitas vezes é tratada por professores/orientadores que não estão diretamente envolvidos com a disciplina e também da falta de cuidado dos cursos e programas na distribuição da carga horária e na localização da disciplina na matriz curricular.

Pensar a disciplina de metodologia da pesquisa dessa forma é ignorar o papel importante que ela desempenha na formação de pesquisadores e no ensino acadêmico como um todo. Neste sentido, argumenta-se que a metodologia deve ser apresentada como uma forma de pensar e agir que, embora certamente implique trabalhos de investigação, também possa incluir o desenvolvimento intelectual do aluno.

Já o lugar e a importância que a disciplina assume em um determinado curso ou programa dependerão, fundamentalmente, da concepção básica que o curso/programa tenha da disciplina e o que espera dela. Por exemplo, na pós-graduação, quando ela apenas constitui uma continuidade dos cursos de graduação, funcionará como nivelamento na tentativa de recuperar o que está perdido ou ensinar aquilo que não foi ministrado ou foi muito mal ministrado, não oportunizando ao aluno o aprofundamento necessário para conduzir pesquisa.

Porém, se a essência do curso ou programa está na pesquisa como princípio educativo orientado para a busca de novos conhecimentos, a metodologia assume um papel fundamental. Ela normalmente está inserida no início do curso ou ao longo do curso e é encarregada da orientação e fundamentação teórico/metodológica do processo de pesquisa em andamento no curso ou programa, em íntima relação com as outras disciplinas.

Em relação à função da disciplina, percebe-se que a seleção dos conteúdos e a maneira de ministrá-los também desempenham um papel relevante, pois em muitos programas a disciplina é trabalhada apenas na sua dimensão instrumental, ou seja, enfatizam-se mais as técnicas e instrumentos de coleta de dados sem a promoção do necessário vínculo com as questões ontológicas, epistemológicas, axiológicas e metodológicas. Em outros, trabalha-se apenas a dimensão epistemológica em detrimento da dimensão instrumental. Frequentemente trabalham-se apenas as normas da ABNT, reduzindo todo o conteúdo à mera normalização de trabalhos acadêmicos.

Embora todos esses conteúdos sejam fundamentais, a separação da dimensão instrumental da epistemológica e a forma de trabalhá-los prejudicam sobremaneira a formação do aluno para a pesquisa. Nesse sentido, concordamos com Bortolini (2009, p.94), que esclarece essa questão quando argumenta que a disciplina de metodologia da pesquisa na graduação deve integrar as duas dimensões:

a dimensão epistemológica que está voltada para a compreensão dos elementos e processos da situação cognitiva, a história da construção do conhecimento social, os paradigmas científicos, em especial aqueles que orientam as pesquisas nas ciências sociais e na educação e a dimensão instrumental que está voltada para a apropriação dos instrumentos da pesquisa em educação: diferentes tipos de pesquisa e instrumentos de coleta/produção e análise de dados (grifo da autora).

Na opinião da autora, para não tratar essas duas dimensões isoladamente, é preciso entender que em uma disciplina com essa importância e função, “o aluno deve aprender a construir um referencial teórico-prático relacionado à linguagem científica, saber trabalhar com os procedimentos intelectuais e técnicos da pesquisa”, pois a pesquisa, mais que mera apropriação de técnicas, exige a compreensão dos procedimentos intelectuais que envolvem o fazer científico. Essa compreensão é que permitiria especialmente diante de fenômenos complexos encontrar os melhores caminhos (Bortolini, 2009).

Por essas razões, a disciplina deve ter como objetivos ensinar o aluno a: a) conhecer os princípios básicos das várias abordagens à pesquisa e suas estratégias de coleta e

análise de dados; b) pensar de maneira sistemática e metódica, ou seja, pensar de maneira espontânea em um nível reflexivo e mediado, pois se aprende a pensar à medida que se aprende a fazer perguntas sobre o que se quer saber (Libâneo, 2001, p.39); c) aprender a arte da leitura, da análise e da interpretação de textos; d) aprender a fazer, que significa colocar-se em um movimento histórico em que o presente assume continuamente uma instância crítica em relação ao passado e; e) entender as diversas abordagens paradigmáticas nas áreas das ciências sociais e da educação.

Além disso, a metodologia da pesquisa objetiva bem mais do que levar o aluno a elaborar projetos, a desenvolver a dissertação/tese ou um artigo científico como requisito final e conclusivo de um programa acadêmico. Ela deve possibilitar ao aluno o acesso a um envolvimento ativo com um diversificado e amplo espectro de formas de pesquisa, evitando o que Brown (2008, p.14) muito apropriadamente define como a “curricularização do ensino e da pesquisa o que leva inevitavelmente a uma sobrecarga de conteúdo na tentativa de ensinar uma ampla variedade de abordagens”.

Sem negar a importância das habilidades mencionadas acima, há outro conjunto de habilidades que muitas vezes é desconsiderado nas discussões sobre a disciplina de metodologia. McIntyre (1997, p.130) argumenta que não se presta muita atenção na complexidade da atividade de pesquisa, e, enfatiza a noção de que a pesquisa envolve muito mais que selecionar métodos apropriados e aplicar um conjunto de passos prescritos. Para o autor o processo da pesquisa é complexo, confuso, imprevisível e com muitos desafios pessoais, que exige rigor, acuidade, imaginação, autoconsciência, habilidades sociais e autodisciplina em estreita vinculação.

Outro aspecto que merece reflexão por parte dos professores e dos alunos está relacionado às questões paradigmáticas da pesquisa, pois um dos desenvolvimentos mais confusos nos últimos anos nas áreas das ciências sociais e da educação foi à proliferação de abordagens à pesquisa (Moreira e Caleffe, 2008). Embora as discussões das várias perspectivas paradigmáticas da pesquisa nas ciências sociais e na educação frequentemente sejam altamente abstratas, e consideradas como prerrogativa apenas de filósofos, elas são muito importantes para os alunos entenderem suas perspectivas de pesquisa, pois as consequências desta diversidade são reais.

A tese geral de que há muitas maneiras legítimas de realizar pesquisa é inquestionável. As várias abordagens metodológicas são, em geral,

saudáveis. Apesar de essas abordagens admitirem que haja muitas maneiras legítimas de se realizar pesquisa, não é correto concluir que todos os esforços de pesquisa sejam igualmente (i)legítimos ou que qualquer abordagem metodológica seja tão boa quanto as outras. Ou seja, isso não implica qualquer ceticismo ou relativismo metodológico. Esta é uma boa questão para todos aqueles preocupados com a formação de pesquisadores em educação. Tal ceticismo ou relativismo tornaria as pesquisas na pós-graduação inúteis: O que ensinaríamos aos futuros pesquisadores? Como poderíamos formá-los, se não houvesse formas de realizar pesquisas que pudessem produzir conhecimento ou crença justificada (ceticismo), ou se todas as formas de conduzir pesquisa, e assim os frutos de toda a investigação, fossem igualmente legítimas ou boas (relativismo)? Pior ainda, qual seria o propósito da pesquisa na pós-graduação se os resultados de todas as pesquisas fossem inúteis ou igualmente legítimos?

Em face dessa diversidade metodológica, tanto os pesquisadores experientes quanto os iniciantes encontram dificuldades para se manterem atualizados, pois por trás da proliferação de nomes – positivismo, naturalismo, pós-positivismo, construtivismo, interpretativismo, feminismo, pós-modernismo, pragmatismo, etc., cada um com o seu conjunto de tradições – subjazem questões importantes: Há uma verdade simples, absoluta sobre os fenômenos, ou há múltiplas verdades? (ou o conceito de verdade em si é tão problemático que não tem valor para entender o mundo?) Podemos contar com os nossos sentidos, ou com a razão, para distinguir o que é verdadeiro ou falso sobre o mundo? Há métodos que podem nos aproximar do entendimento dos fenômenos, ou há indeterminações em todos os métodos? O conhecimento do mundo é descoberto, ou construído? O conhecimento do mundo pode ser avaliado independentemente dos contextos sociais e históricos, ou depende de circunstâncias particulares?

Para os pesquisadores educacionais experientes, a diversidade metodológica pode ameaçar o que consideram como certo para entender o mundo que inicialmente construíram na pós-graduação e elaboraram ao longo da experiência profissional subsequente. Para os iniciantes na carreira de pesquisadores, essa diversidade pode se tornar esmagadora, uma vez que muitas abordagens estão frequentemente em desacordo com a prática ou com a vida no dia-a-dia (Neumann, Pallas e Peterson, 1999).

O entendimento das diversas abordagens metodológicas é importante para a produção e para o consumo da pesquisa educacional. Uma vez que um paradigma

sustenta todas as fases do processo da pesquisa, o conhecimento das diversas perspectivas é importante para aprender a arte da pesquisa. Além do mais, o entendimento dos diferentes paradigmas ajuda o pesquisador a apreciar e a valorizar a pesquisa realizada por outros pesquisadores que adotam outras perspectivas (Moreira, 2002). Tal apreciação é um pré-requisito para as conversações acadêmicas, tão significativas para a aprendizagem coletiva em uma determinada área.

No centro das discussões sobre a preparação de pesquisadores para o mundo da pesquisa educacional reside uma questão de valores: Nós queremos preparar pesquisadores para o mundo da pesquisa como ele é, ou queremos prepará-los para o mundo que virá? A história da pesquisa educacional é marcada por longos períodos de tranquilidade epistemológica, pontuada por pronunciados desacordos. Esses desacordos tipicamente são iniciados e sustentados por comunidades marginalizadas; aqueles que sustentam uma perspectiva prevalente raramente se sentem compelidos a discutir com grupos marginalizados. Como consequência, há pouco engajamento mútuo entre esses grupos. Dentro desses grupos, contudo, as interações são mais densas e, muitos indivíduos encontram um nicho confortável. Um pesquisador que se desenvolve em tais grupos provavelmente definirá a pesquisa educacional dentro das fronteiras epistemológicas que a sua comunidade representa.

À luz dessa discussão, como os programas de pós-graduação poderiam se organizar melhor para preparar futuros pesquisadores para lidar com a diversidade metodológica?

Preparar pesquisadores para enfrentar essa diversidade como “**consumidores**” de pesquisa envolveria ajudá-los na exploração de suas próprias visões de mundo pessoais em profundidade, e desenvolver ferramentas que os capacitem a contrastar e a conectar suas visões com as visões de outros indivíduos – pesquisadores educacionais, gestores ou professores. Preparar futuros pesquisadores para enfrentar a diversidade metodológica como “**produtores**” de pesquisa é, no entanto, mais desafiador e envolveria ajudar os iniciantes no uso de abordagens contrastantes na realização de suas próprias pesquisas.

Baseados nessas constatações, os programas de pós-graduação deveriam promover a discussão dessas questões tanto com os professores quanto com os alunos. No momento, pouca atenção tem sido dada à exploração das complexidades de se engajar em múltiplas abordagens de pesquisa, tanto como consumidor como praticante de pesquisa. E, quando

várias abordagens são discutidas, frequentemente as discussões acontecem apenas no contexto da disciplina de metodologia da pesquisa e, muitas vezes, dissociadas das demais disciplinas do programa e das atuais práticas dos pesquisadores.

Com o propósito de ampliar a cultura de pesquisa nos programas, algumas atitudes poderiam ser tomadas na tentativa de vincular as discussões teórico/metodológicas à prática da pesquisa, pois na disciplina de metodologia de pesquisa, ambiente típico para as discussões epistemológicas, essas discussões são normalmente dissociadas da prática da pesquisa. Entre essas atitudes é possível sugerir: a) tornar a discussão metodológica responsabilidade de todo o corpo docente. Essa discussão não deveria ser exclusividade dos professores de metodologia, mesmo porque a carga horária destinada a essa disciplina não engloba todas as expectativas e demandas (os demais professores pesquisadores do programa deveriam expor suas opções metodológicas pessoais de pesquisa para os alunos), b) colocar a discussão epistemológica no contexto histórico (a perspectiva histórica da epistemologia pode ajudar os pesquisadores iniciantes a compartilhar os significados de abordagens que foram construídas por professores e pesquisadores mais experientes na prática da pesquisa) e c) planejar espaços sociais nos quais a experiência com diferentes abordagens de pesquisa (exemplo: a pesquisa interdisciplinar) seja encorajada.

Ao mesmo tempo os programas deveriam reconhecer a importância dos alunos de mestrado/doutorado refletirem e entenderem as questões filosóficas subjacentes aos paradigmas de pesquisa. Yates (1997, p.489) critica as disciplinas e livros de metodologia de pesquisa que apresentam aos alunos diferentes abordagens metodológicas à pesquisa como se fossem pacotes de técnicas entre os quais o estudante consumidor escolhe um ou outro, da mesma maneira que escolhe utilizar um ou outro editor de texto. O autor sugere que a disciplina seja planejada de modo que os alunos possam refletir sobre como as decisões ontológicas levam a decisões epistemológicas, que por sua vez determinam as escolhas metodológicas e conseqüentemente dos instrumentos e técnicas de coleta e análise de dados, suas implicações e conseqüências e, principalmente, nas questões de validade, confiabilidade, rigor, contexto, relevância, ética que acompanha cada paradigma de pesquisa.

Essas sugestões de modo algum pretendem ser prescritivas, mas procuram enfatizar a importância da preparação de pesquisadores para atingirem competência

em um mundo de mudança e expansão epistemológica, pois as competências que sustentam a pesquisa não são diferentes das competências que ajudam o ser humano a se desenvolver e avançar, chamadas de desejo de aprender, aprender fazendo, buscar e obter *feedback* e fazer sentido da experiência de aprendizagem a partir do retorno que recebe.

Considerações Finais

O objetivo desse ensaio foi discutir algumas questões relacionadas ao ensino da disciplina de metodologia da pesquisa nos programas de pós-graduação. Embora exista uma ampla literatura que trata da metodologia de pesquisa nas áreas das ciências sociais e na educação, pouca atenção tem sido dada a essa questão em particular.

Talvez, um dos aspectos mais relevantes do ensino da disciplina de metodologia da pesquisa seja de que há uma necessidade premente de que todos os envolvidos com a disciplina reflitam sobre suas atuais práticas, adaptando-se à mudança ocorrida nas ciências sociais, particularmente no campo da educação, que coloca em evidência a diversidade paradigmática tanto na teoria quanto na prática. Isso tem se refletido em novos problemas e, conseqüentemente, em novas modalidades de pesquisa.

Embora o processo de investigação tenha evoluído, ou seja, em uma determinada época esperava-se que apenas os alunos de cursos de doutorado se envolvessem com as questões filosóficas da pesquisa, Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (2002, p.3) argumentam que esse compromisso deve prevalecer também para os alunos de mestrado e mesmo para alguns cursos de graduação. Isso é visto como benéfico, pois não é prudente realizar pesquisas sem consciência da filosofia que está subjacente.

No entanto, a questão é se os alunos de mestrado têm a necessidade de se envolver totalmente com os debates filosóficos em torno do processo de investigação ou há coisas mais importantes para os pesquisadores e os estudantes realizarem em diferentes níveis de investigação, em termos do processo de investigação. Como há a exigência de que os alunos de todos os níveis de ensino se envolvam com todo o processo de pesquisa, da filosofia até os métodos, o resultado é que as palavras, conceitos ou idéias se mesclam e se confundem, ou porque o envolvimento nesses debates é inadequado ou, às vezes é excessivo para os estudantes nesta fase ou nível do processo de investigação.

Portanto, para os pesquisadores e estudantes declararem de forma transparente qual é a sua posição filosófica e metodológica e, mais importante ainda, a relação entre as duas, exige-se uma grande dose de compreensão e nível de sofisticação. Infelizmente, esse posicionamento claro e transparente sobre a abordagem utilizada na pesquisa não é comum na literatura de pesquisa em determinadas áreas, o que tem causado muito debate.

De maneira geral, a busca por essa adaptação não impede os professores e os pesquisadores de utilizarem as abordagens tradicionais da pesquisa e nem os autoriza a descartá-las completamente. Ao contrário, ela pressupõe a sua superação pela adoção de uma postura científica diferenciada, mais crítica, mais reflexiva, menos rígida e intransigente.

Neste ensaio procuramos enfatizar que a preparação de pesquisadores nos programas de pós-graduação está diretamente associada à visão dos professores e pesquisadores envolvidos no programa sobre o papel da disciplina de metodologia da pesquisa na formação do aluno e quais habilidades e competências eles necessitam. As respostas a essas perguntas podem estar na organização e na condução dessa disciplina nos diversos programas de pós-graduação nas faculdades e universidades, pois essas questões estão vinculadas ao contexto social e cultural.

Dessa forma, acreditamos que no mestrado o aluno deva ter uma introdução às filosofias da pesquisa e suas relações às abordagens de pesquisa e que, no doutorado, possa ser capaz de fazer uma análise crítica dessas filosofias em consonância com a pesquisa que está realizando.

Discutiu-se ainda que os diversos métodos de pesquisa relacionam-se com diferentes maneiras de explorar o mundo, exigindo, portanto, escolhas que sejam feitas em função do assunto proposto e da questão enfocada, na perspectiva de que nenhum método pode ser eleito como 'o melhor', permitindo-se apenas aproximações heurísticas. Cada método tem seus pontos fortes e suas limitações, conjugá-los é, por vezes, a escolha mais apropriada.

Enfim, a adoção de múltiplos paradigmas e metodologias é, ao mesmo tempo, fundamento para uma postura crítica e plural do pesquisador e uma lente a partir da qual ele poderá ascender para visões diferenciadas de mundo, crescendo como profissional e como ser humano.

Referências

- BORTOLINI, M. R. A pesquisa na formação de professores: experiências e representações. 2009, 196p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BROWN, A. O ensino da pesquisa para a diversidade da pesquisa em educação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.3, n.1, p.9-16, jan.-jun. 2008.
- EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R. e LOWE, A. *Management research: an introduction*. London: Sage Publications, 2002.
- LEEDY, P. D. e ORMROD, J. E. *Practical research: planning and design*. 8th Edition. New Jersey: Prentice Hall, 2005.
- LIBANEO, J. C. Que destino os educadores darão à Pedagogia? In: PIMENTA, S. G. (coord.) *Pedagogia: Ciência da Educação?* SP: Cortez, 2001.
- McINTYRE, D. The profession of educational research. *British Educational Research Journal*, v.23, n.2, p.127-140, 1997.
- MOREIRA, H. As perspectivas da pesquisa qualitativa para as políticas públicas em educação. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.10, n.35, p.235-246, abr./jun. 2002.
- MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- NEUMANN, A., PALLAS, A. e PETERSON, P. Preparing education practitioners to practice education research. In: LANGEMANN, E. C. e SHULMAN, L. (Eds). *Issues in education research: problems and possibilities*. San Francisco: Jossey-Bass Publication 1999, p.247-288.
- PALLAS, A. Preparing education doctoral students for epistemological diversity. *Educational Researcher*, v.30, n.5, p-6-11, 2001.
- YATES, L. Research methodology, education, and theoretical fashions: constructing a methodology course in na era of deconstruction. *Qualitative studies in Education*, v.10, n.4, p.487-498, 1997.

Recebido em: 16/05/2011

Aceito para publicação em: 26/05/2011